

**LIMA
BARRETO
EM QUATRO
TEMPOS**



LIMA BARRETO EM QUATRO TEMPOS

CARMEM NEGREIROS



© Relicário Edições
© Carmem Negreiros

dados internacionais de catalogação na publicação (CIP) de acordo com ISBD

N3851

Negreiros, Carmem

Lima Barreto em quatro tempos / Carmem Negreiros. - Belo Horizonte, MG :
Relicário, 2019.

172 p. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-65-5026-019-4

1. Literatura brasileira. 2. Teoria e crítica literária. 3. Lima Barreto. I. Título.

CDD 869.909

2019-1459

CDU 821.134.3(81).09

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (PUC-RIO)

Pedro Süsskind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO Ana C. Bahia

CAPA E DIAGRAMAÇÃO Caroline Gischewski

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Rodrigo Costa

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE ORIGINALS Denise Schittine

RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080
relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

APRESENTAÇÃO 7

CRÔNICA 11

- Lima Barreto, cronista 13
 - Da crônica e da cidade 15
 - O trem e os subúrbios 26
 - Crônica e memória cultural 38
 - Crônica debate: feminicídio 41
 - Por que ler as crônicas 45

CONTO 47

- “Um especialista” ou a “mulata” e a tradição 49
 - A tradição literária e a “mulata” 52
 - Melancolia na cor e na alma 57
- “Um e outro” ou o espetáculo da mercadoria 66
- “O homem que sabia javanês” ou a potência do saber 73

ROMANCE 85

- O romance de estreia: polêmica recepção 87
 - Lendo o romance de estreia hoje 91
 - O romance e a imprensa 97
- Triste fim de Policarpo Quaresma* 110
 - Memória e identidade cultural 111
 - Palavra, país, paisagem 117
 - Policarpo Quaresma no paraíso 127
 - Conhecimento e autoconhecimento 132

RETALHOS 139

- Retalhos 141
 - Perspectivas para abordagem ou etapas de pesquisa 146
 - Diálogo com a crítica genética 146
 - A coleção 148
 - Nova leitura para o *Diário Íntimo* 150

PALAVRAS FINAIS 157

REFERÊNCIAS 159

SOBRE A AUTORA 169



APRESENTAÇÃO

Este livro concretiza um desejo que nasceu de um convite dos estudantes de Letras da Uerj, por meio do diretório (DALB¹), para falar de Lima Barreto no dia de seu aniversário, 13 de maio deste 2019.

Sem um tema previamente combinado, havia um interesse difuso sobre personagens, cenários das obras, o porquê de sua atualidade e como o livro dialogaria com as inquietações contemporâneas.

Começamos a conversa em uma pequena roda e, nesse início, eu estava mais interessada em ouvir o que os levou a pensar no escritor, o que dele conheciam e as questões sobre as quais poderíamos tratar. O ar fresco de outono entrava à vontade no espaço que foi ficando menor e mais acolhedor aos poucos. A janela aberta permitia estender o olhar por parte do morro da Mangueira, o alto do Maracanã, ouvir o trem nas suas idas e vindas, trazendo o vento agradável de maio que ameniza o típico calor carioca.

O contorno da cidade que nos cercava inspirou o diálogo desenrolado a partir da história do Rio de Janeiro, início do século XX. As reformas urbanas e seu efeito estético no espaço e nas pessoas, o lazer da avenida Central em meio a vitrines de produtos sofisticados, cinemas, prédios exuberantes do comércio e das artes, a ampliação da malha viária. Entre os exemplos dos caminhos de ligação construídos, à época, para aproximar o centro urbano dos subúrbios, está a avenida Francisco Bicalho (antiga avenida do Mangue), que hoje se conecta com a radial Oeste, cujo movimento podemos ver das janelas da universidade. Vale ressaltar, nosso lugar de observação é muito privilegiado: podemos sentir o samba da Mangueira, Vila Isabel, Salgueiro, Tuiuti e perceber o ritmo das tensões sociais no entorno. Respiramos a Floresta da Tijuca, sentimos o bafejo da história vindo de São Cristóvão e seus jardins imperiais, além do burburinho de pessoas em ônibus, metrô

1. Diretório Acadêmico Lima Barreto.

e trens que interligam a cidade e os subúrbios, espelho de sua gigantesca diversidade cultural. E, ainda, o prédio da universidade foi construído sobre as ruínas da favela do Esqueleto que nasceu depois da construção do estádio do Maracanã (1950). Os barracos aglomeraram-se ao redor de obras abandonadas, “esqueleto”, do que deveria ser um hospital público. Seus moradores foram removidos para um conjunto habitacional, no distrito de Bangu, chamado Vila Kennedy. Curioso e interessante nascimento do espaço da Uerj que nos lembra como reformas, derrubadas, remoções, muitos “bota-abaixo” incorporaram-se à memória da cidade do Rio de Janeiro.

E, assim, olhando também para a fronteira da natureza ao redor, conversamos sobre como a cidade alcançou os morros, os embates entre o progresso e a tradicional feição cultural do Rio, com seus folguedos, ritmos e personagens. Com celulares na mão, a segunda pele de nossos dias, os estudantes questionaram sobre a força da imprensa, a “onipotente imprensa, o quarto poder fora da Constituição”, como dizia o autor de *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*. Os jornais, no início do século XX, orientavam os leitores na leitura do já não tão familiar espaço urbano, na identificação dos riscos e fascínios da vida moderna, na difusão de notícias sensacionalistas que afetavam a sensibilidade dos leitores tanto quanto o choque das ruas ou a tela do cinematógrafo. O espetáculo provocado por jornais e revistas reconfigurava o lugar do escritor e da literatura, em uma tensa disputa de discursos logo percebida por Lima Barreto, que tratou de incorporar as novas tecnologias e as tensões da experiência urbana à linguagem literária, desde suas crônicas até os romances.

Durante a conversa, nenhum dos estudantes trouxe a versão preconcebida do escritor desleixado, bêbado e louco, como tantas vezes resumem sua imagem ou, a partir dela, qualificam sua obra. Em vez disso, a curiosidade veio em torno de questões como: qual era a posição do escritor diante do mercado, que já exigia do talento literário habilidade de negociação para ter êxito? Como lidou com a desigualdade social e o racismo sendo pobre, negro e suburbano? E as mulheres, como aparecem nas suas obras? E os *Bruzundangas*? Quais os temas mais recorrentes nos seus textos? Como era o intelectual Lima Barreto?

Certa ansiedade tomou conta dos estudantes e de mim. Depois de anos de estudo das obras do autor, vi que não daria conta de tantas perguntas que se retroalimentavam, e o interesse crescia. Já ouvia uns dizendo “vou ler o *Recordações*”, e outros “quero ler o *Policarpo*”. Juntos lemos ali a crônica “Não as matem”, que exemplifica a luta do escritor contra o que, hoje, chamamos de feminicídio.

Saí da sala contente e bastante inquieta. Os olhares entusiasmados e as perguntas me deram a certeza da necessidade de trazer mais da obra de Lima Barreto para os estudantes, universitários ou não. Apresentá-lo, com os devidos cuidado e profundidade, a secundaristas, graduandos e pós-graduandos interessados em perscrutar a obra de Lima. Desde então, comecei a rascunhar este livro para continuar a conversa com interlocutores tão ávidos.

Foi difícil estabelecer por onde começar e o que selecionar, qual o formato do diálogo para não ser apenas didático, com o risco de ser limitador, tampouco tornar-se demasiado simplista diante das opções complexas que o escritor oferece.

O inevitável recorte, chamei de tempos diferentes, que só se dividem no aspecto gráfico do livro. Afinal, como é próprio do tempo, eles se interpenetram, fazendo ecoar e escorrer o passado no presente para tratar da permanência, da instigante permanência de Lima Barreto nos estudos literários e na vida cultural brasileira.

O tempo crônica traz o escritor no centro do impasse entre o jornalismo e a literatura, e os seus textos procuram chamar a atenção para as novas práticas sociais no espaço da cidade, exercitando para isso diferentes modos de olhar; também discutem a força da imprensa no desenho da cidade e dos valores que moldam subjetividades, além da permanência da desigualdade na distribuição das benesses da vida moderna e a delicada aproximação do cronista ao romancista.

Para o conto, diante da variedade e riqueza da produção de Lima Barreto no gênero, a escolha foi bem difícil. Mas não poderia faltar aqui o muito apreciado “O homem que sabia javanês” que problematiza a potência do saber, ao lado de “Um músico extraordinário”. O não tão lido “Um especialista” apresenta metonimicamente o forte diálogo do escritor

com a invenção da “mulata”, na tradição literária e cultural, enquanto “Um e outro” possibilita pensar no espetáculo da mercadoria nas ruas, nos corpos e nas vitrines.

Longe da pretensão de abarcar o conjunto da produção de Lima Barreto, a escolha dos romances considerou o romance de estreia, importante por apresentar inovações formais ao gênero e pela polêmica recepção crítica que marcou, a ferro e fogo, a leitura das demais obras do escritor.

O emblemático e incontornável *Triste fim de Policarpo Quaresma* completa o “tempo” romance. A obra é cada vez mais interessante para pensar as tensões da memória cultural, os sentidos de nação e brasilidade e os efeitos dessas construções sobre os indivíduos. Especialmente quando assistimos ao renascer do sentimento nacional, mesmo que este seja, hoje, um referencial de índice mais reativo que afirmativo, uma espécie de nacionalismo sem patriotismo.²

Diferente dos tópicos anteriores, o tempo “Retalhos” traz os dilemas e caminhos da minha pesquisa diante de um objeto tão instigante quanto complexo: os cadernos de Lima Barreto.

Os capítulos, ou tempos, podem ser lidos separadamente e buscam apresentar, de forma introdutória, o legado do autor, seja no que diz respeito à estética de sua escrita, às temáticas que aborda ou ao diálogo (e ruptura) com determinadas tradições literárias.

Apesar de trazer alguns estudos e leituras presentes em artigos, capítulos de livros, livros produzidos durante a minha trajetória de estudiosa das obras do escritor carioca, esse livro também traduz um amadurecimento crítico que, inevitavelmente, cria um novo olhar, um novo conjunto, produzindo também a revisão de percurso que mantém viva a paixão pela pesquisa e docência.

Que esse livro possa incentivar o encontro de novos leitores com a obra de Lima Barreto.

2. A revitalização do credo nacional pela extrema-direita, hoje, representa muito mais a rejeição a imigrantes, o medo da criminalização galopante, a angústia frente à marginalização social. Enfim, funda-se no medo e ódio ao outro e, assim, os projetos coletivos (nacionais) só despertam simpatia social na medida que têm nexos com as aspirações individualistas de viver melhor (LIPOVETSKY, 2005).